



ADVÉRBIO

Revista Científica dos Cursos de Comunicação do Centro Universitário FAG

Vol.17 - N. 33 | 2022 | ISSN 1808-883X

QUAL É O GÊNERO DA GAZETA DO POVO? UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DO JORNAL PARANAENSE SOBRE IDENTIDADES TRANS* NÃO BINÁRIAS

Raul Andreo de Paiva
Tatiana Fasolo Bilhar

QUAL É O GÊNERO DA GAZETA DO POVO? UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DO JORNAL PARANAENSE SOBRE IDENTIDADES TRANS* NÃO BINÁRIAS

PAIVA, Raul Andreo de¹
BILHAR, Tatiana Fasolo²

RESUMO:

Esta pesquisa buscou analisar os discursos da Gazeta do Povo acerca das identidades trans* não binárias. O *corpus* é composto por todas as 20 matérias publicadas pela Gazeta na seção "Ideologia de Gênero", no ano de 2020, que tratavam sobre ês não binárias. Desenvolveu-se, assim, uma pesquisa qualitativa e interpretativista, pautada nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), a qual se fundamenta na compreensão, sobre a língua(gem), do Círculo de Bakhtin. As análises permitiram concluir que os discursos com os quais os textos estabelecem um diálogo de concordância constroem a não binariedade de forma preconceituosa, pautando-se em argumentos fundamentados em pesquisas científicas refutadas e, por vezes, informações inverídicas e exageradas. Os discursos defendidos pela Gazeta são perigosos para a comunidade *queer*, incentivando a restrição de direitos, não proteção, invalidação, direção de abusos e ridicularização de seus problemas oriundos da *queerfobia*, defendendo a perpetuação do atual sistema abusivo.

PALAVRAS-CHAVE:

Jornalismo, Análise Dialógica do Discurso, identidades trans não binárias.

¹ Jornalista graduado pelo Centro Universitário FAG. E-mail: paivaandreo@outlook.com

² Jornalista graduada pelo Centro Universitário FAG. Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Bolsista Capes. E-mail: tatianabilhar@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Identidade de Gênero, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS)³, em seu artigo 'Gênero e saúde'⁴, "refere-se à profundamente sentida, interna e individual experiência gênero que pode ou não corresponder à fisiologia ou ao sexo atribuído ao nascimento de uma determinada pessoa".

Sexo se refere, conforme a OMS, às características fisiológicas que diferenciam entre corpos masculinos, femininos e intersexuais. Órgãos reprodutores, hormônios e cromossomos são citados como exemplos.

Ainda de acordo com a organização, a ideia de gênero é uma construção social — um conjunto de categorias que variam entre sociedades e culturas ao redor do mundo. No Havai, por exemplo, antes das imposições culturais ocidentais em seu processo de colonização, o conceito de "*māhū*" (no meio) já nomeava uma identidade que *não cabia* nas definições de *homem* e *mulher*.

Uma identidade de gênero que ganhou tração nas discussões em tempos recentes é a "não binária" (NB ou *enby*). Como as ideias de gênero e sexo vêm sendo interpretadas como sinônimas e excludentes de pessoas intersexuais⁶, acreditava-se ser um fenômeno meramente binário. Homem e mulher são gêneros binários; não binário representa quem está fora dessa dicotomia — gênero fluido, agênero etc.

É importante ressaltar que transgênero (ou trans*) não consiste em um gênero. O termo, tal qual seu antônimo, cisgênero (cis), denota a relação entre sexo e identidade de gênero. A identidade de gênero de uma pessoa trans* não corresponde ao seu sexo biológico, enquanto a de uma pessoa cis corresponde.

Por conta do apagamento e de imposições culturais (que não se restringem ao Havai)⁷, o conhecimento da população sobre pessoas não binárias é diminuto. Muitas

³O texto, em seu original, está em inglês. Todos os trechos utilizados são fruto de tradução livre de nossa parte. Nas referências, a autoria consta como World Health Organization (WHO).

⁴ Disponível em: https://www.who.int/health-topics/gender#tab=tab_1. Acesso em: 05 out. 2021.

⁵ SNOW, Jade. What Native Hawaiian Culture Can Teach Us About Gender Identity. **Yes Magazine**, 27/07/2015. Disponível em: <https://www.yesmagazine.org/issue/make-right/2015/07/27/what-native-hawaiian-culture-can-teach-us-about-gender-identity>. Acesso em: 05 out. 2021.

⁶ Existem casos de pessoas intersexuais que receberam cirurgias quando ainda bebês para que pudessem se desenvolver sexualmente de forma binária. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2019/11/08/health/ny-bill-bans-intersex-surgery-children/index.html>. Acesso em: 05 out. 2021.

⁷ Alguns nativos americanos que não se identificam como homens ou mulheres utilizam o conceito *Two-Spirit*. O termo foi cunhado para abranger as diversas identidades presentes transculturalmente — identidades que não consistem necessariamente em equivalentes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A4lBibGzUnE>. Acesso em: 05 out. 2021.

peças perpetuam a ideia de haver apenas dois gêneros, desconhecendo a diferença entre as três definições anteriormente explicadas.

Formulários (pesquisas, documentos), produtos e até mesmo as línguas faladas pelo mundo, por vezes, não contemplam a não binariedade. Esse processo exclusionário, com ou sem o objetivo de atacar essa identidade, gera alienação.

A comunidade não binária, diante das limitações atuais, trabalha na inclusão de suas identidades em espaços que as negligenciam, desde linguagens inclusivas até esforços para aumentar sua visibilidade para possibilitar a inclusão.

Como o alcance da visibilidade ocorre por meio da informação e, por extensão, da comunicação, a mídia tem um papel crucial nesse processo. Cabe ao jornalismo a investigação dos fatos, procurando compreender o máximo de lados possível na produção de materiais noticiosos.

Apesar de a mídia trabalhar sob a égide da imparcialidade e objetividade, a linguagem, segundo o Círculo de Bakhtin, nunca é neutra, pois se constitui de signos ideológicos. Assim, os textos jornalísticos — ainda que se encontrem na categoria do jornalismo informativo — sempre apontam posicionamentos axiológicos.

Nesse sentido, na construção identitária dos sujeitos (mas não exclusivamente nela), a mídia tem um poder de reforçar e desconstruir ideias. A constituição das identidades, conforme Woodward (2003), é tanto simbólica quanto social; nesse processo, estão incluídos os sistemas de representação — que dão sentido a nossas experiências e àquilo que somos. “A mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular” (WOODWARD, 2003, p. 17). A influência dos meios de comunicação de massa, desse modo, é capaz de fortalecer ou desconstruir preconceitos por meio de seus discursos e, desse modo, atuar, enquanto sistema de representação na constituição de identidades. Nesse âmbito, entra a Gazeta do Povo.

Em outubro de 2018, segundo dados do *ComScore MyMetrics* divulgados em uma matéria especial de 100 anos da Gazeta do Povo⁸, o jornal registrou 33,7 milhões de visitantes únicos. Trata-se de um jornal influente. As ideias e os posicionamentos apresentados no jornal influenciam na formação da opinião do público.

⁸ Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/100-anos/centenario-jornal-mais-lido-brasil/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Em se tratando de identidades trans*⁹ não binárias, o posicionamento da Gazeta é evidenciado no foco dado à categoria e na terminologia utilizada em sua apresentação. No *dropdown menu* 'EXPLORE'¹⁰ no canto superior esquerdo da tela, na aba 'Nossa Visão', no subtítulo 'Nossas Seleções', o leitor da Gazeta pode encontrar o que consiste em uma editoria denominada 'Ideologia de Gênero', situada entre duas outras editorias denominadas 'Defesa da Vida' e 'Doutrinação na Escola'.

A terminologia escolhida pela Gazeta evidencia seu caráter conservador — posicionamento explicado nas 28 matérias (disponíveis em inglês e português) da coleção intitulada 'Nossas Convicções'¹¹.

Nesse contexto, analisamos, neste artigo, as construções discursivas da Gazeta do Povo sobre questões de gênero, mais especificamente sobre identidades trans* não binárias, no intuito de entender como e em que contextos o jornal retrata a identidade em todos os textos (opinativos ou não)¹² referentes ao tema específico lançados no ano de 2020 no portal.

A análise será realizada a partir dos pressupostos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), baseada na compreensão sobre a língua(gem)¹³ do Círculo de Bakhtin. Assim, nos diferentes textos analisados, observam-se as relações dialógicas presentes nos enunciados.

Com a pesquisa, serão visualizados os discursos mais e menos evidentes na fala da Gazeta por meio dos *blogs* que sedia, dos fatos que seleciona, das abordagens que confere às notícias e reportagens, das pesquisas que realiza e dos argumentos que diretamente endossa. Assim, buscamos pelas relações de sentido que se estabelecem entre os diferentes textos publicados no portal, entre eles e outros enunciados já produzidos e entre tais textos e o contexto social em que estão inseridos, destacando os discursos que veiculam.

⁹ Disponível em: <https://transfeminismo.com/trans-umbrella-term/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

¹⁰ A palavra foi escrita exclusivamente com letras maiúsculas para preservar (mesmo que não por completo) a formatação da interface de usuário do *site*.

¹¹ Esta asserção é pautada na análise de Belin (2020) dos 28 textos que descrevem as convicções da Gazeta do Povo, evidenciando seu conservadorismo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/nossas-conviccoes/>. Acesso em: 25 out. 2021.

¹² Entre os textos, foram encontrados notícias, notas, reportagens, enquetes, artigos de opinião e crônicas.

¹³ Para o Círculo, os conceitos de língua e linguagem estão imbricados, de modo que, ao considerar um, também se considera o outro. Portanto, ao adotarmos a compreensão bakhtiniana de linguagem, utilizamos o termo língua(gem) nesta pesquisa.

Seguindo o *Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa*, publicado por Gioni Caê Almeida¹⁴, referir-se-á aos não binários com o pronome 'elu', suas derivações e as declinações decorrentes de seu emprego. O termo será utilizado também em traduções, quando necessário, em lugar do pronome neutro da terceira pessoa do singular da língua inglesa: *they*¹⁵. O objetivo de seu emprego é não invalidar a identidade não binária por meio do *misgendering*¹⁶ – termo do inglês que significa, segundo sua definição no dicionário de Oxford, em tradução livre: “referir-se a alguém (especialmente a uma pessoa trans*) usando uma palavra, especialmente um pronome ou forma de referência, que não reflita corretamente o gênero com o qual ela se identifica”.

Há três conceitos principais em jogo neste artigo: gênero, referente à não binariedade; jornalismo, referente à Gazeta do Povo; e o discurso, referente à ADD e aos estudos do Círculo de Bakhtin que pautam esta análise.

2 GÊNERO

A estudiosa acadêmica americana Judith Butler, formada em filosofia pela Universidade de Yale¹⁷, discute em seu livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*¹⁸ as ideias de sexo, gênero e sexualidade. Ela dialoga com textos de Foucault, Freud, Lacan, Wittig, Beauvoir, Irigaray entre outros pesquisadores que se propuseram a investigar o tema no decorrer da história dos estudos de gênero.

Em meio a descrições e críticas às teorias, ela constrói no decorrer do texto uma imagem de como o sexo – masculino e feminino – e a sexualidade foram interpretados no processo de formação dos conceitos trabalhados.

Um conceito utilizado na análise de como entendemos cultural e historicamente a ideia de sexo é a heterossexualidade compulsória. “A

¹⁴Manual disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341736329_Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_Lingua_Portuguesa. Acesso em: 21 out. 2021.

¹⁵Além servir como terceira pessoa do plural genérica, o pronome they ainda serve como pronome singular. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/they>. Acesso em: 02 nov. 2021.

¹⁶ Disponível em: <https://www.lexico.com/definicion/misgender>. Acesso: 05 maio 2021.

¹⁷ Informações disponíveis em: <https://www.britannica.com/biography/Judith-Butler>. Acesso: 13 set. 2021.

¹⁸ Para os propósitos deste projeto, a versão original em inglês do livro *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* foi consultada. Todas as citações são traduções livres de autore.

heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discretas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são entendidos como atributos expressos do “macho” e “fêmea” (BUTLER, 2010, p. 24).

Butler descreve em seu texto, com base no discurso de Foucault, que é por meio da “heterossexualização do desejo”, ou seja, a crença de que a heterossexualidade é a sexualidade “normal”, que as categorias de sexo surgem. Para que haja dois sexos opostos, é preciso que haja o desejo heterossexual – o desejo pelo “sexo oposto”.

A compulsoriedade da heterossexualidade seria o que reforça a ideia de “normal”, forçando a adequação dos sujeitos. Extrapolando, em cima do conceito do texto, o fenômeno pode ser observado no ato de “se assumir”, que é a negação da heterossexualidade presumida e a confissão da homossexualidade que necessita de anúncio para ser considerada.

Os vários autores citados analisam a divisão entre os sexos de formas distintas. Lacan e Irigaray, em sua reformulação pós-laciana de Freud, compreendem o sexo feminino na linguagem como a “absência” do sexo: “O feminino nunca é uma marca do sujeito/ o feminino não poderia ser um ‘atributo’ de um gênero. Em vez disso, o feminino é a significação da ausência, significada pelo Simbólico, uma série de regras linguísticas distintas que efetivamente criam a diferença sexual” (BUTLER, 2010, p. 38).

Butler, no entanto, prefere a leitura de Wittig nessa divisão em termos de interpretação social/cultural: “Ser do sexo masculino é não ser ‘sexuado’¹⁹; ser ‘sexuado’ é sempre uma forma de se tornar particular e relativa, e pessoas do sexo masculino dentro deste sistema participam na forma da pessoa universal” (BUTLER, 2010, p. 154).

É possível perceber o fato também no português quando alguém se refere a um grupo de pessoas. “Eles” podem ser *eles* e *elas*, mas “elas” só podem ser *elas*. O masculino universal está presente em nosso gênero gramatical.

Apesar dessas colocações, Butler apresenta uma análise de um estudo sobre intersexualidade e o caso comentado por Foucault dos diários de Herculine, que era uma pessoa intersexual, desmistificando o sistema binário do sexo.

¹⁹ Ela utiliza a palavra “sexed” que, *neste contexto*, significa “ser dado um sexo”.

O estudo é relatado no artigo *A região determinante do sexo do cromossomo humano Y codifica uma proteína de dedo*²⁰ (PAGE *et al.*, 1987, p. 1091 *apud* BUTLER, 2010). Nele, um “grupo altamente incomum” de pessoas foi estudado – a característica que os destaca de tal forma é o fato de alguns deles terem os cromossomos XX, embora fossem designados medicamente como pertencentes ao sexo masculino, e outros XY, mas medicamente designados como pertencentes ao sexo feminino (BUTLER, 2010).

A autora cita esse estudo para constatar que o viés da pesquisa demonstra o pressuposto social de que o sexo é binário. Em vez de se perguntarem se, de fato, a segregação em dois sexos seria correta, válida ou mesmo necessária, o foco ainda estava em determinar o gatilho do desenvolvimento binário.

O modelo sugere uma recusa desde o início a considerar que estes indivíduos implicitamente desafiam a força descritiva das categorias de sexo disponíveis; a questão que ele busca é como o “interruptor binário” acende, não se a descrição dos corpos em termos do sexo binário é adequada a tarefa (BUTLER, 2010, p. 148).

Ela ainda aponta a incoerência da investigação que parte do pressuposto de que a genitália externa determina o sexo. Quando se referem às “fêmeas XY”, percebe-se que os cromossomos não são considerados na denotação do sexo. Butler (2010, p. 147) afirma que: “se a genitália externa fosse suficiente como critério para a determinação ou designação do sexo, a pesquisa experimental sobre o gene mestre seria, então, dificilmente necessária”.

Eicher e Washburn, Butler explica (2010), sugerem que o preconceito cultural limita as pesquisas feitas neste campo. Butler ainda demonstra que a pesquisa, ao considerar que o gene masculino é ativo no processo de diferenciação, evidencia o pensamento de que o homem é universal, entendendo a feminilidade como uma questão de presença ou ausência do masculino, fortalecendo a análise de Wittig.

Em sua exposição sobre as ideias de Foucault em relação a Herculine, ela martela no fato de que a análise dele se perde na interpretação da lei. Ele diz, segundo Butler (2010), que a lei proibitiva entra em vigor no processo de transição

²⁰ PAGE, David C. *et al.* The sex-determining region of the human Y chromosome encodes a finger protein. **Cell**, n. 51, p. 1091-1104. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0092867487905952>.

forçada e elimina os prazeres da liberdade do sistema binário. O argumento de Butler é que ela não se encontrava livre da lei e que a realidade dela estava construída dentro de suas imposições.

Para Wittig, a língua(gem) – colocada assim para se remeter aos conceitos bakhtinianos – “é uma série de atos, repetidos no decorrer do tempo, que produzem efeitos-de-realidade que, eventualmente, são percebidos erroneamente ‘como fatos’” (BUTLER, 2010, p. 157).

A ‘nomeação’ do sexo é um ato de dominância e compulsão, uma performatividade institucionalizado que cria e legisla a realidade social, requerendo a construção discursiva/perceptual dos corpos de acordo com princípios da diferença sexual (BUTLER, 2010, p. 157).

A língua, para ela, seria uma ferramenta de luta contra essa opressão. Butler afirma que não acredita em uma reconfiguração completa da ideia de gênero – propondo uma outra forma de entender a questão. “De fato, na minha visão, o foco normativo para a prática gay e lésbica deve estar na reimplantação paródico e subversivo do poder em vez de na impossível fantasia da transcedência total” (BUTLER, 2010, p. 169).

Concordando e discordando dos autores que cita – no prefácio mais recente do livro ela enumera autores que criticaram e desenvolveram em cima de sua teoria – , ela propõe a interpretação do gênero como performativo – feito de uma série de atos (performances) que o caracterizam.

Ela estuda com base na performance *drag* as subversões do gênero que ocorrem – a aparência (exterior) feminina e o interior masculino de uma *drag queen*, mas a segunda “camada” dessa subversão sendo o interior masculino como, na verdade, um exterior masculino e um interior feminino.

Butler (2010) descreve a categoria sexo como algo não natural, mas uma construção de teor político que de natural se disfarça. Ela afirma que, segundo Foucault, a categoria é “discursiva no sentido de produzir a ficção linguística do desejo reprimido com o propósito de manter sua posição como instrumento

teleológico” (BUTLER, 2010, p. 188) – a teleologia²¹ significando a explicação das coisas com base em seu propósito.

A conclusão é: “[...] não há razão para dividir corpos humanos nos sexos masculino e feminino exceto o fato de essa divisão servir às necessidades econômicas da heterossexualidade e emprestar o encobrimento naturalístico à instituição da heterossexualidade” (BUTLER, 2010, p. 153).

A ideia não é um ataque à heterossexualidade, mas sim às lentes nela embasadas, que a tratam como o absoluto normal e que moldam nossa visão sobre o mundo. Mais especificamente, o objetivo é desafiar os conceitos de sexo, sexualidade e gênero.

Apesar de Butler (2010) indicar que não pretende discutir no livro “a figura do andrógino”, um “hipotético terceiro gênero”, ou uma “*transcendência* do binário”, ela propõe que é possível ser algo além de *homem* e *mulher* – “a subversão interna em que o binário é pressuposto e proliferado ao ponto de não mais fazer sentido”.

Nessa contemplação dos estudos de gênero, conclui-se que: 1) sexo e gênero não são binários; 2) que não constituem efetivas extensões da sexualidade; 3) sendo termos utilizados para discriminar entre categorias de seres humanos; 4) que têm definições hegemônicas dominantes pautadas no pressuposto da heterossexualidade compulsória.

3 JORNALISMO

Neste ponto da pesquisa, volta-se à Gazeta do Povo como veículo de comunicação. Considerando as contribuições de Stuart Hall aos estudos culturais, observa-se que a mídia opera de forma a reforçar ou desconstruir certas ideias.

[...] como esses mapas são ‘estruturados em dominância’ mas não são fechados, o processo comunicativo não consiste na atribuição não-problemática de cada item visual à sua posição dentro de um conjunto de códigos pré-arranjados, mas sim em *regras performativas*; ou seja, regras de competência e uso, de lógica aplicada – que buscam ativamente *reforçar* ou *pre-ferir* um domínio semântico a outro e incluir e excluir itens dos conjuntos de sentido apropriados (HALL, 2003, p. 397).

²¹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/teleologia/>. Acesso em: 13 set. 2021.

A Gazeta do Povo, fundada em 1919, é um dos jornais mais tradicionais e o principal veículo de comunicação do Paraná, no Sul do Brasil (BELIN, 2020). O veículo, que nasceu como publicação impressa, migrou para o ambiente *on-line* em 2017. No artigo *Os leitores da Gazeta do Povo diante de um jornal em desmaterialização* (VECCHIO *et al.*, 2018), analisando a transição quase que absoluta²² da Gazeta do impresso para o *on-line*, registrou-se uma relação fortíssima entre os leitores e o jornal.

A pesquisa analisou as cartas enviadas à Gazeta em resposta à transição, revelando que “[tais] manifestações situam-se em uma camada mais próxima ao mundo dos afetos e das sensibilidades com relação ao jornal [...]” (VECCHIO *et al.*, 2018, n.p.). Apesar disso, ela conseguiu manter uma parte considerável de seu público e “seu destaque enquanto veículo de comunicação de grande importância para o Paraná” (BELIN, 2020, p. 108), expandindo ao mesmo tempo seus horizontes, “entrando na disputa de audiência entre os grandes portais nacionais”.

Nesse processo migratório, em 2017, a Gazeta publicou 28 textos em uma seção de seu *site* denominada “Nossas Convicções”²³, dentro do menu “Opinião” (BELIN, 2020), delimitando a posição da Gazeta em uma série de questões.

Na pesquisa “Conservadorismo como diretriz: o que o conteúdo e o léxico do encarte ‘Nossas Convicções’ dizem sobre o jornal Gazeta do Povo”, analisando os 28 textos, Belin (2020) identifica que a denominação “tradicionalista” não define a Gazeta, seguindo as ideias do autor alemão, Mannheim. Ele aponta que:

O tradicionalismo é essencialmente uma dessas inclinações ocultas que cada indivíduo inconscientemente abriga dentro de si mesmo. O conservadorismo, por outro lado, é consciente e reflexivo desde o princípio, na medida em que surge como um contra-movimento, em oposição consciente ao movimento progressista altamente organizado, coerente e sistemático (MANNHEIM, 1986 *apud* BELIN, 2020, p. 174).

Mannheim analisa o conservadorismo alemão no século XIX, mas Belin (2020) explica que as ideias do autor podem ser aplicadas ao Brasil e, mais especificamente, à Gazeta e a seus discursos.

²² A produção diária foi relegada completamente à edição *on-line* do veículo, mantendo apenas uma revista de fim de semana impressa (BELIN, 2020).

²³ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/nossas-conviccoes/>. Acesso em: 25 out. 2021.

O conservadorismo da Gazeta, no entanto, mudou sua definição com o tempo. “Hoje é mais importante defender ideias abstratas e radicais, sem relação direta com a comunidade local” (CERVI, 2020, p. 3). Com a morte de Francisco Cunha – ex-diretor da Gazeta – em 2009, o veículo tomou outra direção.

Belin (2020) aponta o efeito do discurso religioso na linha editorial da Gazeta, impactando em sua visão sobre temas como feminismo, aborto e identidades *queer*²⁴. “Essas questões são apontadas pelos autores como reacionárias às políticas de direitos humanos, igualdade social, racial e gênero que desafiam alguns ideais religiosos como a heteronormatividade, por exemplo” (BELIN, 2020, p. 178).

O veículo se coloca em defesa da liberdade de expressão, mas essa ideia vem envolta de vários outros discursos. A forma como eles enunciam sua defesa constrói uma relação de opressão por parte de determinados grupos sociais. Belin (2020) destaca o seguinte trecho do texto “Liberdade de expressão” do encarte “Nossas Convicções”:

Pense-se, por exemplo, em algumas das dimensões do que se vem chamando de “homofobia”. Embora seja razoável e necessário tipificar mais exatamente a injúria em razão das opções sexuais, bem como os casos de preconceito ou discriminação, não se pode de maneira nenhuma criminalizar a opinião contrária ao comportamento homossexual.²⁵

Belin (2020, p. 188) comenta que “o jornal de certa forma parece defender o direito à homofobia”. Existe uma série de operadores argumentativos nessa citação singular como termos datados invalidantes e construções que geram descredibilização de argumentos contrários. A autora ainda cita que, na construção da argumentação da Gazeta, pensadores como Jürgen Habermas e Aristóteles são usados para sustentar os pensamentos da Gazeta, não oferecendo um mesmo trabalho ao construir o pensamento dos grupos/indivíduos a quem se opõe (BELIN, 2020, p. 189).

²⁴ Algumes membros da comunidade LGBTQAI+ preferem usar a palavra *queer* em vez da sigla. Os motivos vão desde a exclusão e redução das identidades, sua redundância (dentre os possíveis significados do ‘Q’ está a palavra *queer*, que é sinônima com a sigla) e seu caráter não prático (certos caracteres podem ter diferentes significados, não havendo um único *set* oficial de letras, além de algumes considerarem a sigla não versátil). Também, *Queer Theory* é o nome dos estudos voltados a questões de gênero e sexualidade, tornando seu uso mais práticos para os fins deste artigo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQVWepgSvfg>. Acesso em: 25 out. 2021.

²⁵ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/nossas-conviccoes/liberdade-de-expressao-4pushOuaks2uav8dwp6kc4w7o/>. Acesso em: 29 maio 2021.

É nesse cenário que a atual pesquisa se situa. A Gazeta tem em seu menu “EXPLORE”, em “Nossas Visão” e “Nossas Seleções” uma seleção denominada “Ideologia de Gênero”²⁶, em que algumas autorias do jornal que abordam temas que tangenciam assuntos sobre a não binariedade comentam nas reportagens, notícias e *blogs*/colunas sobre questões relacionadas a esse conceito.

O termo ‘Ideologia de Gênero’, como discute Sonia Corrêa em *Gender Ideology: tracking its origins and meanings in current gender politics*, é amplo e vago, englobando não só questões relacionadas à comunidade *queer*, mas a direitos da mulher e até mesmo prevenção do HIV. O termo está, conforme Corrêa (2017), atrelado a grupos religiosos. O conceito – inicialmente parte de um movimento católico e depois evangélico e conservador – foi formulado:

[...] com o intuito de permitir identificar, compreender e criticar os processos de naturalização das relações de gênero, a subordinação das mulheres, a assimetria de poder e de acesso aos recursos por parte das mulheres em relação aos homens [...] [são representações] de ideologias de gênero o machismo, o sexismo, a misoginia, a homofobia, assim como esta polêmica [...] ‘teoria/ideologia do gênero’ (JUNQUEIRA, 2016, p. 230 *apud* SOUZA, 2018, p. 110).

Hall também comenta em seus estudos a ideia de naturalização.

Certos códigos podem, é claro, ser tão amplamente distribuídos em uma cultura ou comunidade de linguagem específica, e serem aprendidos tão cedo, que aparentam não terem sido construídos — o efeito de uma articulação entre signo e referente — mas serem dados ‘naturalmente’ (HALL, 2003, p. 393).

Se uma ideia socialmente construída é repetida diversas vezes e é aprendida muito cedo na vida de sujeito, a pessoa pode acreditar que não se trata de algo construído pelo ser humano, mas sim um fato natural da vida. Essa colocação se assemelha à ideia por trás da frase atribuída ao ministro da propaganda do partido nazista nos tempos de Hitler, Joseph Goebbels²⁷, “uma mentira contada mil vezes se torna verdade”.

²⁶ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/tudo-sobre/ideologia-de-genero/?ref=explore>. Acesso em: 25 out. 2021.

²⁷ Disponível em: https://www.ebiografia.com/joseph_goebbels/. Acesso em: 04 out. 2021.

Antes mesmo de entrar a fundo nos pressupostos bakhtinianos sobre a língua(gem), que pautam as análises deste trabalho, vale ressaltar que – segundo a teoria do *newsmaking* – a produção da notícia está longe de ser um reflexo da realidade.

É, antes, a construção social de uma suposta realidade. Dessa forma, é no trabalho da enunciação que os jornalistas produzem os discursos, que, submetidos a uma série de operações e pressões sociais, constituem o que o senso comum das redações chama de notícias. Assim, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la (PENA, 2005, p. 128).

Traquina (2005) explica que a mídia estrutura sua representação dos acontecimentos de acordo com aspectos organizacionais da profissão jornalística e limitações orçamentárias e sua colocação na função de resposta à imprevisibilidade dos acontecimentos.

Quando Shirky (2012, p. 85) diz que “[a] mídia tradicional tem algumas limitações inerentes que tornam o problema da filtragem relativamente simples”, as limitações em questão se referem ao custo de produção.

Em *Lá vem todo mundo*, o autor discorre sobre o impacto da internet na comunicação, evidenciando que “[as] indústrias da mídia foram as primeiras e as mais afetadas pela queda brusca que os custos da comunicação sofreram recentemente” (SHIRKY, 2012, p. 54). Os limites físicos impostos pelos custos relacionados à publicação necessitam de um controle maior.

Esses aspectos e limitações também impactam o poder de agendamento da mídia. Discorrendo sobre a teoria do agendamento, Pena (2005, p. 144) afirma que “[a] influência da mídia nas conversas dos cidadãos advém da dinâmica organizacional, com sua cultura própria e critérios de noticiabilidade”.

Com esse poder de agendamento, que não é descrito como uma evidente forma de manipulação por parte da imprensa, já definido, há um fator agravante no efeito das mensagens divulgadas. “Os media definem para a maioria da população quais os acontecimentos significativos que ocorrem, mas também oferecem poderosas interpretações de como compreender esses acontecimentos” (HALL *et al. apud* TRAQUINA, 2005, p. 177).

Pena (2005, p. 155) ressalta que “[...] o ponto chave da teoria é que a mídia reproduz a ideologia dominante e perpetua o *status quo*”. Em seguida, o autor ainda comenta que os meios de comunicação priorizam narrativas dominantes das maiorias que, na verdade, são grupos minoritários cujas vozes são mais frequentemente ouvidas, o que trabalha no silenciamento das minorias – que, muitas vezes, não menores em quantidade, mas menos ouvidas (PENA, 2005).

Compreende-se, em conclusão, que o jornalismo não é neutro e é, portanto, impactado pelos processos de produção, aspectos organizacionais e limitações físicas. O trabalho do jornalista, então, carrega consigo sentidos diversos que agendam as discussões cotidianas e trazem interpretações específicas – afetadas pelo caráter oficial das fontes privilegiadas na rotina de produção midiática.

Esses pensamentos construídos socialmente e imbuídos de parcialidade e interpretações dos jornalistas e veículos são naturalizados a partir da reprodução *ad nauseam* destes. A divergência desses pensamentos pode parecer não intuitiva em comparação àquilo que aparenta como ‘natural’. “Como diz a investidora Esther Dyson: ‘Quando chamamos alguma coisa de intuitiva, com frequência queremos dizer familiar’” (SHIRKY, 2012, p. 84).

Barcelos e Gil (2018), em *A Forma Flexível e Inclusiva de Fazer Jornalismo da Geração Z*, comentam que, no espaço digital, “[a] possibilidade de customização voluntária do acesso às informações predispõe à radicalização e ao discurso único [...], o que pode ser agravado pela ação invisível dos algoritmos e da inteligência artificial [...]” (BARCELLOS; GIL, 2018, p. 28), algo que se assemelha à mensagem da Gazeta: “Assine aquele que briga pelas mesmas coisas que você”²⁸.

Diante do exposto, discutimos, a seguir, os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa.

4 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Para analisar os discursos da Gazeta e seus múltiplos sentidos produzidos, é preciso entender uma série de elementos presentes nas enunciações. Para a análise,

²⁸ Exemplo da frase utilizada em vídeos promocionais disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VDo dAqrijpNQ>. Acesso em: 05 out. 2021.

utilizaram-se os fundamentos teórico-metodológicos da ADD, teoria modernamente criada por pesquisadores brasileiros, calcada nas ideias presentes nos textos produzidos pelo Círculo de Bakhtin²⁹.

Para o Círculo de Bakhtin, a língua(gem) é uma forma de interação e, quando em uso, materializa enunciados, os quais produzem discursos. O enunciado – usado na interação, a base das relações dialógicas, pelas sujeites – é a unidade de análise da ADD. Em sua construção, os sujeitos recorrem a signos, que são sempre ideológicos, utilizados de acordo com o gênero discursivo, que consiste em formas relativamente estáveis de enunciados (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016).

Para Bakhtin (2011[1979]), os enunciados – ou textos – sempre se moldam em gêneros discursivos, os quais organizam nosso discurso de acordo com a situação de interação que motiva o uso da língua(gem). Na esfera jornalística, por exemplo, temos os gêneros discursivos notícia, reportagem, editorial, artigo de opinião, crônica entre outros. Esses gêneros são utilizados conforme a finalidade pretendida pelo autor do texto. E esse texto é sempre ideológico, sempre comunica valorações sobre o tema de que trata. A ideologia para a ADD refere-se, segundo Sobral e Giacomelli (2016), às posições, parcialidades, *bias* dos interlocutores – não há língua(gem) neutra.

Ês autories (pois são um doutor e uma doutora, respectivamente) indicam alguns fatores a se considerar na interação entre locutores e que fazem parte do enunciado como um todo de sentido: a exauribilidade, o esgotamento daquilo que o locutor tem a dizer sobre o objeto; o projeto de discurso (enunciativo), a intenção do locutor; e as formas típicas composicionais e de gênero do enunciado que lhe conferem um acabamento relativo, a organização do conteúdo dentro dos moldes pré-estabelecidos.

Segundo Sobral e Giacomelli (2016), os enunciados são construídos visando a objetivos diversos e eles se moldam em gêneros discursivos, que existem como formas típicas e relativamente estáveis de enunciados (pois mudam com o tempo),

²⁹ Conforme Faraco (2009), trata-se de um grupo de intelectuais russos, de formações diversas, que manteve encontros regulares no início do século XX, para discutir questões relacionadas à cultura, linguagem e sociedade. O grupo nos legou uma compreensão interacionista e dialógica da língua(gem) que tem servido de base para a constituição, por pesquisadores brasileiros, de uma teoria dialógica de análise do discurso.

que respondem a situações também típicas de interação. O gênero em que se molda um texto também contribui na geração de sentidos.

Os textos moldados em um mesmo gênero discursivo apresentam, conforme Bakhtin (2011[1979]), três elementos em comum: a unidade temática, o estilo e a forma composicional, que são indissociáveis. A unidade temática é aquilo que se diz e faz com o texto, está relacionada aos assuntos que se podem comunicar por meio de um determinado gênero discursivo e à forma de comunicá-los (numa relação com o contexto de produção do enunciado e com os discursos que comunica). A forma composicional diz respeito à estrutura do enunciado, à sua organização. E o estilo, à seleção dos elementos linguísticos (e semióticos) utilizados na composição do enunciado.

Nesse sentido, a análise não só do texto, mas também de sua apresentação é necessária na produção de sentidos. “O discurso/enunciado tem, assim, uma parte verbal e uma parte não verbal, contextual, sendo que, sem essa parte, não podemos entender a parte verbal” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1089).

Destaca-se a expressão “contextual”.

Para a ADD, a língua tem significação, que é o significado das palavras e expressões no sistema da língua, enquanto o discurso cria sentido, ou seja, faz as palavras e expressões da língua irem além dos significados registrados no dicionário e dizer coisas que somente o contexto mostra (o contexto sempre envolve um dado lugar e um dado momento, assim como um locutor se dirigindo a ao menos um interlocutor). (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1078).

Não basta analisar apenas a materialidade linguística – o texto por si só significa pouco –, os sentidos, de fato, vêm do contexto extraverbal:

Na vida, o discurso verbal é claramente não auto-suficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação. Além disso, tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 5).

O contexto é apresentado em múltiplos níveis. O *contexto imediato* é o entendimento da posição social dos interlocutores – professore e alune, doutore e paciente etc. –, o *contexto mediato* é o local em que se encontram – uma cafeteria,

uma sala de aula – e o *horizonte social e histórico*, que se refere à cultura e ao *Zeitgeist*³⁰ em que se encontram no momento da interação. É preciso entendê-los para inferir o tema discursivo (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016).

Em outras palavras, o texto – falado, escrito – está intrinsecamente ligado à realidade, à vida. Assim, Volochinov e Bakhtin (1926) apontam que, para analisarmos qualquer texto, é crucial que entendamos seu contexto e, por extensão, os três atores nele envolvidos: 1) o falante (autor); 2) o interlocutor (leitor); 3) o tópico (o tema discursivo).

Além disso, para os autores, outros fatores como 1) o horizonte espacial compartilhado pelos interlocutores, 2) o conhecimento e compreensão comum da situação, e 3) a avaliação feita por ambos também impactam na significação e na construção/produção de sentidos.

“Todos os fenômenos que nos cercam estão do mesmo modo fundidos com julgamentos de valor” (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 9). Além disso, os autores exploram sempre uma dualidade: os ditos e não ditos (silenciamento), concordância e discordância entre outras duplas interativas de conceitos.

Em suma, para entender a posição da Gazeta do Povo perante questões de gênero e, mais especificamente, sobre identidades trans* não binárias, realizou-se uma análise dialógica de seus discursos, analisando os vários atores presentes na enunciação e o contexto das enunciações. Aprofundou-se na Gazeta, nos seus discursos (a partir do tópico dos textos, do contexto, da forma e das escolhas linguísticas) para tecer um panorama da posição dela com relação às não binárias.

É preciso destacar ainda que, para o Círculo de Bakhtin, não existe um discurso totalmente original. Todo discurso dialoga direta ou indiretamente com outros discursos já proferidos socialmente sobre o mesmo objeto de discurso. Assim, todo enunciado, que é produção de discursos, acaba dialogando com enunciados e discursos anteriores – respondendo-lhes de alguma forma (seja para concordar ou discordar deles, para complementá-los ou refutá-los). Segundo Bakhtin (2011[1979]), todo enunciado consiste em uma réplica a outros enunciados – mesmo que essa seja uma reação apenas pensada, ela se engaja no diálogo entre enunciados. Do mesmo

³⁰ Junção das palavras em alemão *Zeit* (com letra maiúscula por se tratar de um substantivo), que significa tempo, e *Geist*, que significa ‘espírito’ ou ‘mente’; *der Zeitgeist* significa ‘o espírito da época’ – ideias e crenças em voga no período histórico.

modo, todo enunciado vai suscitar respostas de futuros interlocutores, logo, é um elo na cadeia da comunicação discursiva.

Para a ADD, portanto, os enunciados são constitutivos de outros enunciados – são construídos com base em enunciados anteriores e ajudam a construir novos enunciados futuros (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016). Assim, estabelecem-se relações de sentido entre os enunciados e seus discursos: as relações dialógicas.

Nesse sentido, os discursos da Gazeta têm uma origem e, não só isso, um impacto na construção de outros discursos, de modo que, em nossas análises, buscamos apontar os discursos e as relações dialógicas presentes nos textos publicados pelo veículo de comunicação. E, para tal, consideramos sempre as relações com o contexto de enunciação.

5 O POSICIONAMENTO DA GAZETA

Para os propósitos desta pesquisa, foram analisadas todas as matérias publicadas em 2020 na seção “Ideologia de Gênero” que falam sobre pessoas não binárias — diretamente, comentando suas identidades, ou, de forma adjacente, falando sobre linguagem neutra. São 20 textos no total. A amostra foi escolhida para gerar uma análise que demonstre um ano inteiro de produções sobre o tema e os posicionamentos ideológicos nelas veiculados.

No ano de 2020, a escritora britânica J.K. Rowling publicou um ensaio³¹ considerado perigoso para a comunidade trans* por promover ideias simpatizantes à causa TERF³². Além disso, Elliot Page se assumiu como trans* não binária. Foi um ano em que o tema ganhou maior tração na mídia e, por isso, o período é representativo.

A Gazeta, como discutido anteriormente, tem um posicionamento conservador. As conclusões alcançadas na revisão bibliográfica sobre a oposição da Gazeta de Povo à comunidade *queer* se confirmam na análise discursiva do conteúdo selecionado.

O Brasil se encontra em uma gestão conservadora. A religiosidade e o orgulho nacional são incentivados pelo presidente Jair Bolsonaro, que, antes mesmo de

³¹ Disponível em: <https://www.jkrowling.com/opinions/j-k-rowling-writes-about-her-reasons-for-speaking-out-on-sex-and-gender-issues/>. Acesso em: 21 out. 2021.

³² “Feministas Radicais Trans-Exclusionárias”, do inglês: *Trans-Exclusionary Radical Feminist*.

assumir o cargo, já compactuava com ideias machistas e homofóbicas³³. Em 2019, Bolsonaro apareceu na mídia estrangeira pelo seu *post* no Twitter de um vídeo que demonstrava uma cena pornográfica entre dois homens³⁴ – uma decisão que, em um mundo homofóbico, tem repercussões problemáticas à imagem da comunidade *queer*.

O movimento antijornalismo de Bolsonaro, começado com os ataques à Globo, também influenciou o cenário de produção das matérias. A oficialidade conferida àquela que ocupa o cargo de presidente da República ajuda a validar opiniões similares.

Os discursos trazidos pelos simpatizantes do presidente são hegemônicos e dominantes – há precedentes históricos para a posição contrária a grupos minorizados.

As 20 matérias selecionadas são focadas no tema não binários. Há outras, ao longo do ano de 2020, que apenas tangenciam o assunto para tratar de outros temas e que foram desconsideradas nesse recorte dada a extensão do *corpus*.

A fim de apresentar quais textos foram analisados, construiu-se o Quadro 1, em que são destacados o título, a autoria, o gênero discursivo em que se moldam os enunciados – enfatizando sua filiação aos gêneros opinativos ou informativos da esfera jornalística –, a data de sua publicação e o endereço *on-line* em que é possível encontrá-los. Após o quadro, seguem-se as análises dos seus discursos.

Quadro 1: Relação dos enunciados analisados

Título	Autories	Gênero	Data	URL
Minha vida nova depois do pesadelo transgênero	James Shupe	Depoimento, Texto Autobiográfico	13/02/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/minha-vida-nova-depois-do-pesadelo-transgenero/

³³ Em 2016, Elliot Page entrevistou o presidente Jair Bolsonaro para a série *gaycation* da Vice. Nela, vê-se a reprodução de discursos homofóbicos e machistas de Bolsonaro antes da presidência. Na época, Elliot não havia ainda se assumido como trans* — ele ainda é referido com seu nome antigo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3pautVX23lY>. Acesso em: 21 out. 2021.

³⁴ Veículos de diversos países publicaram matérias em seus *sites* sobre o *post* de Bolsonaro. A Deutsche Welle, uma empresa de notícias alemã, publicou no dia 7 de março uma lista de menções somente na imprensa alemã. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/imprensa-alemã-destaca-postagem-de-video-obsceno-por-bolsonaro/a-47805440>. Acesso em: 21 out. 2021.

Os sofrimentos de uma geração que não suporta o sofrimento	Paulo Polznoff Jr.	Crônica, Texto Opinativo	22/02/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/deias/os-sofrimentos-de-uma-geracao-que-nao-suporta-o-sofrimento/
Na esquerda, o novo conflito entre feministas e ativistas trans	Richard Bernstein	Reportagem, Texto Informativo	28/02/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/deias/na-esquerda-o-novo-conflito-entre-feministas-e-ativistas-trans/
Pra que serve a língua do x?	Bruna Frascolla	Artigo, Texto Opinativo	17/07/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/deias/pra-que-serve-a-lingua-do-x/
Sugestão no Senado quer documentos com "gênero neutro". Por que a ideia é questionável	Gabriel de Arruda Castro	Artigo, Texto Opinativo	04/08/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/sugestao-no-senado-quer-criar-documentos-com-genero-neuro-questionavel/
Como uma ateia convicta e defensora do casamento gay desfaz mitos sobre a transexualidade	Gabriel de Arruda Castro	Artigo, Texto Opinativo	28/08/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/deias/como-uma-ateia-convicta-e-defensora-do-casamento-gay-desfaz-mitos-sobre-a-transexualidade/
"Obrigade": linguagem neutra é "ensinada" em colégio particular do Recife	Gazeta do Povo	Notícia, Texto Informativo	09/09/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/obrigade-linguagem-neutra-e-ensinada-em-colegio-particular-do-recife/
Patrulha da linguagem: militância dá tiro pela culatra	Madeleine Lacsko	Reportagem, Texto Informativo	14/08/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/madeleine-lacsko/patrulha-

					da-linguagem-militancia-de-tiro-pela-culatra/
O português seria capaz de incorporar o gênero neutro?	Vivian Mansano	Artigo, Texto Opinativo		22/09/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/a-problematiza-da-linguagem-neutra-seria-o-portugues-capaz-de-incorpora-la/
Gênero neutro: o totalitarismo progressista perdeu a graça	Denise Drechsel	Artigo, Texto Opinativo		30/09/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/polzonoff/genero-neutro-totalitarismo-progressista/
Patrulheiros ideológicos avançam sobre a língua portuguesa: não passarão!	Cristina Graeml	Artigo, Texto Opinativo		02/10/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/cristina-graeml/patrolham-ento-ideologico-lingua-portuguesa-linguagem-neutra/
Ideologia de gênero: PSOL pediu e o STF vai deliberar	Percival Puggina	Artigo, Texto Opinativo		02/11/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/ideologia-de-genero-psol-pediu-e-o-stf-vai-deliberar/
"Queridos alunos": colégio adota linguagem neutra	Gazeta do Povo	Notícia, Texto Informativo		11/11/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/queridos-alunos-colegio-adota-linguagem-neutra/
"Pessoas que menstruam": o apagamento da mulher na Ideologia de gênero	Maria Clara Vieira	Reportagem, Texto Informativo		18/11/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/pessoas-que-menstruam-pessoas-que-procriam-como-os-progressistas-estao-apagando-o-termo-mulher/
Deputado quer proibir linguagem	Denise Dechsel	Nota, Texto Informativo		19/11/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/

neutra em escolas: “não podemos aceitar que deturpem a língua pátria”				vida-e-cidadania/deputado-proibir-linguagem-neutra-escolas/
IBDFAM sugere mudar nomes da OAB e da AMB para “linguagem neutra”	Gazeta do Povo	Notícia, Texto Informativo	20/11/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ibdfam-nomes-oab-amb-linguagem-neutra/
“Linguagem neutra” pode ser proibida em instituições de ensino e em bancas de concursos	Gazeta do Povo	Nota, Texto Informativo	24/11/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/breves-linguagem-neutra-proibida-instituicoes-ensino-bancas-concursos/
Prepare-se: quem chamar Elliot Page de “ele” ou “ela” será pior que Hitler	Bruna Frascolla	Artigo, Texto Opinativo	03/12/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/prepare-se-quem-chamar-elliott-page-de-ele-ou-ela-sera-pior-que-hitler/
Passei um dia como trans não-binário. Aqui conto minha experiência	Paulo Polznoff Jr.	Crônica, Texto Opinativo	05/12/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/polznoff/trans-nao-binario-rebeca/
Projeto que proíbe “linguagem neutra” em escolas, universidades e concursos tramita em SP	Gazeta do Povo	Notícia, Texto Informativo	11/12/2020	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/breves-projeto-proibe-linguagem-neutra-escolas-universidades-concursos-sp/

Fonte: quadro elaborado pelo pesquisadore (2021).

Ao longo da análise dos 20 textos, estudados em relação com o contexto social, histórico, político e cultural de sua publicação, observou-se que a Gazeta – seja pelos textos que produz, seja pelos que seleciona para publicar – advoga contra as identidades trans* não binárias e, para tal, utiliza-se de argumentos que

estabelecem diálogo de concordância com discursos religiosos, discursos de apelo à ciência, discursos de opressão e discursos sobre a organização social – que incluem discursos sobre a estabilidade da língua –, sempre visando à manutenção do *status quo*.

É sobre esses discursos, a partir de trechos dos textos analisados, que discutimos a seguir.

5.1 RELIGIOSIDADE

Um dos discursos utilizados pela Gazeta é o religioso. É um dos argumentos menos empregados, mas ainda assim pode ser detectado em seus textos. A equipe recorre mais frequentemente à ciência que à religião, utilizando-a mais para estabelecer a base da atual ordem social – ordem esta que pretendem manter.

Para entendermos um pouco o posicionamento da Gazeta sobre religião, retomamos o texto *O Estado Laico*³⁵, da coleção “Nossas Convicções”, no qual o veículo reforça a importância da religião na formação das atuais sociedades, de sua posição radical na sociedade judaico-cristã. A Gazeta cita a exibição de símbolos religiosos em público e o calendário em vigor como exemplos de espaços em que a religião se manifesta na nossa sociedade, adicionando: “Pensemos, por exemplo, no ridículo que seria ordenar que fossem renomeados todos os locais que remetem a figuras religiosas”.

Elus defendem o ensino religioso na rede pública de ensino, colocando que laico não é sinônimo de ateu e equiparam a liberdade de entidades religiosas de fazerem suas demandas aos poderes políticos, comparando-as a movimentos sociais.

Se consideramos completamente normal que sindicatos, entidades de classe, grupos de pressão, movimentos sociais e de minorias apresentem ao poder público suas demandas, e o fazemos porque vemos essas entidades como representantes da sociedade civil organizada, por que negaríamos esse direito às igrejas e demais denominações religiosas, que também são partes desta mesma sociedade? (GAZETA DO POVO, 2017, n.p.).

³⁵ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opinia0/nossas-conviccoes/o-estado-laico-7ohptaue1r2a7g1cxq3892syc/>. Acesso em: 25 out. 2021.

Para o veículo, a religião – compreendida como vários credos, mas com ênfase na tradição judaico-cristã – é uma parte fundamental na formação de nossa sociedade e cultura; instituições que a promovem deveriam, portanto, ter o direito de levar as suas pautas aos espaços políticos.

A Gazeta afirma que “[o] argumento de que as religiões estariam tentando ‘impor suas convicções à população como um todo’ não se sustenta”, apontando que instituições religiosas não são capazes de forçar nenhum dos três poderes a agir a favor de seus interesses, adicionando que “[q]ualquer pleito – não só aqueles apresentados por igrejas – traz consigo uma visão de bem, de verdade ou de justiça que não necessariamente é a mesma dos demais”.

Seu posicionamento aparentemente é moderado – eles *até* defendem certo centrismo quanto à laicidade do Estado –, mas se revela como tendencioso em outros textos.

Entre os textos que compõem nosso *corpus*, na matéria *Os sofrimentos de uma geração que não suporta o sofrimento*, por Paulo Polznoff, o autor afirma que “[pessoas em desvantagem social] continuam sofrendo – e lutar para acabar de vez com a fome e a falta de um teto sobre a cabeça das pessoas é algo que ainda move a melhor parte da chamada Civilização Ocidental”.

Pela especificidade, cria-se uma exclusão de outras civilizações. Dada a base judaico-cristã da Civilização Ocidental e o fato de ela lutar contra a fome e a falta de teto, sua gênese e atual luta (diferente das demais) por melhores condições de vida, tanto a civilização quanto a sua gênese são glorificadas.

Ao descrever o sofrimento da geração, Polznoff acrescenta que “grande parte desse sofrimento é filosófico e espiritual – dores da alma, para quem acredita, ou das reações químicas neurais ao acaso, para quem acredita”. Ele equipara o conhecimento científico com o religioso e estabelece uma relação de superioridade de um discurso sobre o outro – se as dores são espirituais, certe está aquele que vê o sofrimento como uma dor da alma, e errade quem o vê como reações químicas geradas por acaso.

Apesar de mais sutil e raro, o argumento religioso ainda ajuda a construir sentidos nos textos da Gazeta. As concepções da realidade pregadas pela crença

judaico-cristã são utilizadas como bases inquestionáveis do funcionamento do mundo.

Na matéria *Gênero neutro: o totalitarismo progressista perdeu a graça*, por Denise Drechsel, a identidade trans* é colocada como um desafio aos preceitos religiosos:

Afirmar-se transexual ou não-binário ou qualquer dessas designações deixou de ser uma questão médica, isto é, de disforia de gênero, e passou a ser um posicionamento político-religioso. Político porque o transgênero, ao negar o gênero, se posiciona contra o que ele considera essencialmente uma relação de opressão. Religioso porque o mesmo transgênero se reafirma como um ser superior à Criação e capaz de escolher se é homem, mulher ou nada disso (DRECHSEL, 2020, n.p.).

Ser trans* não significa se colocar em uma posição religiosa como o trecho dá a entender e, mesmo que fosse, cada religião propõe uma ideia de verdade, de acordo com a Gazeta — algo que ela propõe proteger. O jornal demonstra a arbitrariedade de suas interpretações e a agressividade com a qual prefere interpretar as identidades *queer*.

No texto *Minha vida nova depois do pesadelo transgênero*, por James Shupe, traduzido para a Gazeta do Povo, o autor narra sua trajetória de transição e detransição. Ele narra o amargor que sentia por instituições conservadoras e a relação de sua transição com eles: “Não conhecia muito da Bíblia na época, mas sabia que os cristãos acreditavam que Deus criara apenas homens e mulheres. Então jurei destruir essa crença sagrada”.

Este texto elucida o argumento de Denise: a comunidade trans* ameaça a liberdade religiosa por questionar a ordem mundial defendida por instituições religiosas. A Gazeta não elabora muito nesse ponto, reconhecendo que o discurso religioso por si só não pode justificar posições políticas.

O jornal chama a atenção, ainda, para Debra Soh no texto *Como uma ateia convicta e defensora do casamento gay desfaz mitos sobre a transexualidade*, por Gabriel de Arruda Castro, por ser ateia e contrária à identidade trans*; descrevendo sua posição como algo não embasado em “alguma espécie de moralismo religioso”.

5.2 APELO À CIÊNCIA

A Gazeta recorre a argumentos-TERF na elaboração de suas pautas. Para entender as crenças promovidas por TERFs, é preciso, primeiramente, entender: 1) os argumentos Transmedicalistas (*transmed*) e 2) o conceito *Rapid Onset Gender Dysphoria*³⁶ (ROGD).

Transmedicalismo descreve a patologização das identidades trans*. Uma pessoa só é trans* se ela experiencia disforia de gênero – um sentimento de desconforto provocado pela incongruência percebida pelo sujeito entre seu sexo designado ao nascimento e sua identidade de gênero³⁷. Nesse ponto, há uma divergência, pois nem toda pessoa trans* sente disforia.

Apesar de não ser uma fonte estritamente jornalística ou científica, um vídeo da YouTuber Vera Wylde (criadora de conteúdo gênero-fluido) pode ajudar a entender como pessoas trans* que *não compactuam* com o transmedicalismo, por vezes, entendem o processo de transição. Ela compara o processo com a migração. Algumas pessoas prefeririam morar em outro lugar e não têm nenhum sentimento forte com o país em que se encontram. Outras, por vezes, se veem sem escolha, pois estar em sua terra natal pode significar sua morte³⁸.

A disforia de gênero causa várias repercussões psicológicas³⁹, impactando a saúde mental do indivíduo. Pessoas trans* que não experienciam os sintomas associados ainda são trans*, pois ser trans* não é uma doença, enquanto a disforia de gênero é assim classificada. O argumento *transmed* é de que, de fato, elas são interdependentes – caracterizando a identidade trans* como uma doença.

A base do transmedicalismo é uma série de estudos problemáticos, o mais comumente referenciado sendo a Teoria da Autoginefilia de Blanchard (referido em inglês como BAT). Ela recebeu inúmeras críticas devido à incerteza sobre sua relevância clínica, as interpretações arbitrárias dos relatos dos pacientes – acreditando que elus *sempre* estariam mentindo ou em negação sobre sua condição. Além disso, os conceitos de gênero e sexualidade são considerados, também, como

³⁶ O termo não costuma ser traduzido, mas significa (em tradução livre) “disforia de gênero de início rápido”.

³⁷ Uma síntese do que se trata a disforia de gênero pelo NHS (Sistema Nacional de Saúde britânico) está disponível em: <https://www.nhs.uk/conditions/gender-dysphoria/>. Acesso em: 22 out. 2021.

³⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eu2apTVH0lo&t=992s>. Acesso em: 22 out. 2021.

³⁹ Disponível em: <https://www.nhs.uk/conditions/gender-dysphoria/symptoms/>. Acesso em: 22 out. 2021.

interdependentes e pré-determinados (compulsoriamente heterossexual e cisgênero; seus desvios sendo interpretados como distúrbios)⁴⁰.

No texto *Minha vida nova depois do pesadelo transgênero*, por James Shupe para a Gazeta do Povo, o autor menciona o diagnóstico proposto por Blanchard. “Eu estava enganado. Pensando bem, tudo foi parte de uma busca egoísta por alimentar minha antiga fantasia sexual de ser mulher – um transtorno mental chamado autoginefilia”.

Nessa matéria, o autor conta sua história de transição e detransição. Ele chegou a ser “ê primeire não binárie” nos EUA, mas descobriu que, na verdade, era homem cis. A princípio, a Gazeta deu um espaço de fala a partir da tradução do texto para James sem necessariamente expressar sua opinião nela – a seleção desse testemunho, no entanto, caracteriza um posicionamento do veículo.

Ao selecionar esse texto, a Gazeta permite que James sirva de exemplo de ex-não binárie – alguém que encontrou uma fé e voltou atrás. Ele descreve a vontade de *destruir* uma “instituição sagrada” [igreja católica] e se *vingar* daqueles que se punham em seu caminho. Ele diz: “Nada disso importava porque ganhar significava me vingar contra aqueles que eu acreditava que estavam me prejudicando e me impedindo de satisfazer meu vício – as feministas e os cristãos conservadores”.

A *Rapid Onset Gender Dysphoria* foi uma pesquisa extremamente criticada pelo seu caráter não científico. A metodologia utilizada era parcial e já se encontrava ultrapassada, utilizando-se de especulações, como dados, por vezes, superinflados ao interpretar a desistência de participação na pesquisa como desistência do processo transição apesar de não haver uma correlação⁴¹.

A pesquisa concluiu que a pressão social era um fator determinante na decisão de outras pessoas se assumirem como trans*. Quando uma pessoa se assumia, outras também se assumiam em seguida; concluiu, portanto, que se tratava de um fenômeno parecido com uma doença que se espalha e contagia, levando

⁴⁰ Para mais informações sobre a crítica utilizada para ilustrar os pontos problemáticos da BAT, veja: MOSER, Charles. Blanchard's Autogynephilia Theory: A Critique. Tese (Doutorado em Medicina) – Department of Sexual Medicine, Institute for Advanced Study of Human Sexuality, San Francisco, California, USA, 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00918369.2010.486241>. Acesso em: 18 out. 2021.

⁴¹ Disponível em: <https://theconversation.com/why-rapid-onset-gender-dysphoria-is-bad-science-92742>. Acesso em: 04. out. 2021.

pessoas a passarem por transições desnecessárias – o que serve para o *scaremongering*⁴² de pais.

Uma outra interpretação, não cogitada pela pesquisa, é que uma pessoa trans* se assumir pode encorajar outras pessoas trans* a se assumirem também por sentirem-se mais seguras.

Abigail Shrier⁴³ se utilizou da teoria para escrever o livro *Irreversible Damage: The Transgender Craze Seducing Our Daughters* (Dano irreversível: A Mania Trans Seduzindo Nossas Filhas), publicado no ano de 2020.

É perceptível o constante martelamento do sentimento “salvem as mulheres e as crianças” nos argumentos TERF e suas reproduções na Gazeta.

Voltando ao artigo de James Shupe, o seguinte trecho é encontrado: “Pessoas magoadas acabam por magoar outras pessoas, então na época eu não me importava com o fato de minhas ações prejudicarem mulheres e meninas”. A mágoa dele é utilizada para representar o sentimento de todes ês não binários e, ao mesmo tempo, para estabelecer um risco associado a elus. Se pessoas magoadas magoam outras, e as pessoas trans* são magoadas por um transtorno mental, elas serão sempre potenciais *magoadoras*.

A mágoa, nesse caso, é um eufemismo. O crime ao qual ele faz alusão nesse trecho é um extremamente grave, trazido à tona pelo movimento #MeToo⁴⁴.

Não é uma especulação a partir da frase apenas – é um argumento que pauta o embate sobre banheiros e pessoas trans* – o resultado forma projetos que permitiam às escolas requererem inspeções de genitais para confirmar o sexo biológico dos estudantes⁴⁵.

⁴² Palavra inglês que significa “espalhar rumores assustadores ou sinistros” – incitação de medo por meio de rumores. Disponível em: <https://www.lexico.com/definicion/scaremongering>. Acesso em: 21 out. 2021.

⁴³ Ela chegou a ter um artigo hospedado no *site* da Gazeta do Povo em 2021 – não tendo sido publicado em 2020, o artigo não fora compreendido no *corpus* de análise deste trabalho. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/quando-o-estado-vem-buscar-os-seus-filhos/>. Acesso em: 22 out. 2021.

⁴⁴ O movimento *me too* foi iniciado pela ativista Tarana Burke com o intuito lutar contra o abuso sexual e ajudar as sobreviventes dele. Em 2017, sua “#MeToo” viralizou, trazendo à tona diversos casos e expandindo o movimento, tornando-o global. Disponível em: <https://metoomvmt.org/get-to-know-us/history-inception/>. Acesso em: 27 out. 2021.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/florida-transgender-sports-ban-b1833166.html>. Acesso em: 22 out. 2021.

A justificativa é o argumento de que mulheres trans* especificamente aumentam o risco de abuso sexual para mulheres e meninas cis⁴⁶. O argumento não é pautado em dados reais⁴⁷. Esse argumento é recorrente no discurso TERF.

No texto *Na esquerda, o novo conflito entre feministas e ativistas trans*, por Richard Bernstein, publicado pela Gazeta, o autor explica as crenças do WoLF – um grupo TERF.

Sendo mais específico, a ira dos ativistas trans e seus apoiadores foi despertada por algumas posições básicas assumidas pelo WoLF e outros grupos, entre elas: 1) a de que o sexo de uma pessoa é biologicamente determinada e não pode ser mudado nem por meio de cirurgia; e 2) a de que projetos legislativos aprovados ou pendentes em vários países e estados norte-americanos para ampliar as garantias civis aos transgêneros, chamados de “Leis de Equidade”, são equivocados ou prejudiciais a mulheres e crianças (BERNSTEIN, 2020, n.p.).

TERFs promovem o discurso de que “sexo existe”, o que não é necessariamente contestado pela comunidade trans* – a disforia de gênero sendo um motivo (não o único) pelo qual o sexo biológico é considerado real por algumas pessoas trans* –, mas gera a impressão de que é. Não se presume haver uma defesa de algo que não seja atacado.

Isso se manifesta – como verificável no ensaio de J.K. Rowling – pelo uso do termo “mulher biológica” para se referir a mulheres não trans* (cis). O sentido gerado pelo argumento é que há uma validação biológica da identidade de mulheres cis enquanto mulheres trans* não a têm, tornando-a aparentemente falsa.

No mesmo texto de Bernstein para a Gazeta, ele escreve:

[...] mulheres trans têm recebido mais atenção de algumas feministas (e outros grupos) porque elas acreditam que homens trans não representam o mesmo perigo nem incomodam tanto os homens biológicos quanto as mulheres trans em relação às mulheres biológicas — coisas como violência sexual e participação em esportes femininos (BERNSTEIN, 2020, n.p.).

A ideia vendida para as TERF (lembrando do livro de Abigail Shrier) é que homens trans* são “mulheres seduzidas pela mania trans*” e que mulheres trans* são

⁴⁶ Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/06/24/opinions/attacking-transgender-people-is-attacking-science-turban-gill-peterson/index.html>. Acesso em: 22 out. 2021.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.nbcnews.com/feature/nbc-out/no-link-between-trans-inclusive-policies-bathroom-safety-study-finds-n911106>. Acesso em: 18 out. 2021.

“homens predadores e oportunistas que colocam mulheres e meninas em risco pelos seus fetiches sexuais decorrentes de transtornos mentais”.

As pessoas não binárias são geralmente apagadas no argumento de haver apenas dois sexos, que são sinônimos dos dois únicos gêneros. Como discorrido na seção “Gênero” deste artigo, nem o sexo biológico nem a identidade de gênero são binárias; dependendo do autor, ambos podem ser considerados categorias artificiais que impõem dominância.

A narrativa contínua nos discursos da Gazeta é uma incitação ao medo da *opressão* das “pessoas comuns” pela comunidade queer.

5.3 OPRESSÃO

Um discurso relacionado a, mas suficientemente diferente da reprodução de ideias TERF e *transmed* é o discurso de opressão da Gazeta. O trabalho de vilanização da comunidade *queer* como um todo vai além da patologização de identidades trans* ou teorias da conspiração baseadas em pesquisas pseudocientíficas.

A Gazeta procura associar pessoas trans* e aliados que defendem seus direitos ao comunismo – que carrega uma série de sentidos negativos devido aos regimes autoritários que se utilizaram das ideias marxistas para se instaurarem.

Na matéria *Ideologia de gênero: PSOL pediu e o STF vai deliberar*, por Percival Puggina, por exemplo, a seleção dessa ocorrência pela Gazeta do Povo cria uma associação palpável entre o socialismo, o “esquerdismo” e ês não bináries. O Partido Socialismo e Liberdade (que carrega uma ideologia socialista) toma uma iniciativa de levantar a pauta de discriminação contra pessoas *queer* (que a Gazeta considera como ideologia de gênero), o que já trabalha na associação de dois grupos vilanizados pela Gazeta.

Percival argumenta que propor medidas de proteção a pessoas que sofrem *bullying* especificamente por serem *queer* beneficiaria um grupo em *detrimento* dos demais. O argumento é uma tática de *scaremongering*, algo equivalente a dizer que homens são prejudicados por conta das leis relativas ao feminicídio⁴⁸.

⁴⁸ O *podcast Praia dos Ossos* ilustra como Ângela Diniz se tornou vilã do próprio assassinato. Ê opressore pode inverter os papéis e se tornar (aparentemente) ê oprimide da história, tornando ê real oprimide ê vilã. Disponível

Puggina ainda afirma no final de seu texto: "Daí coisas como 'não binário' e 'cisgênero', entre uma infinidade de outras invenções. Ninguém precisa disso para não ser um estúpido preconceituoso e desrespeitoso". Nessa colocação, ele associa não binários a *coisas*, demonstra indignação com o rótulo "cisgênero" (sentimento já discutido no item anterior) e abstrai as identidades trans* – o "objetivo" de ser não binário é construído pela Gazeta não como uma exploração e expressão da própria identidade, mas como uma tentativa de aquisição de *clout*⁴⁹ e ser *trendy*⁵⁰.

No texto "*Pessoas que menstruam, pessoas que procriam: como os progressistas estão apagando o termo 'mulher'*", por Maria Clara Vieira, a autora se utiliza da fala de uma fonte, Ágata Cahill, sobre o marxismo e identidades *queer* que procura criar (muito explicitamente) medo em relação à comunidade.

Àqueles que julgam ser esta apenas outra teoria da conspiração, desafio a avaliar quantos não-binários e autodenominados queers por aí não se identificam enquanto marxistas. Transexuais existem de todos os tipos, em todos os lugares, e por todo o espectro político. Queers são decididamente de esquerda, e trabalham tendo em mente não meramente a segurança e bem-estar de pessoas trans, mas a concretização de sua tão almejada 'revolução', defende Ágata (VIEIRA, 2020, n.p.).

A Gazeta visivelmente procura fomentar o medo da imposição do comunismo e da "opressão" que pessoas cis-héteras sofrerão pelas mãos da comunidade *queer*. O medo da "almejada 'revolução'" será mais desenvolvido no item 5.4 deste artigo.

Em *Gênero neutro: o totalitarismo progressista perdeu a graça*, por Denise Drechsel, a autora compara a reivindicação de pessoas *queer* por uma linguagem mais inclusiva e a aceitação de identidades que desviam da cis-hetero-normatividade com o nazismo, que propiciou o genocídio de pessoas *queer*⁵¹, e o stalinismo, que também apoiou medidas *antiqueer*⁵², ambas gerando heranças que repercutem até hoje.

Além da comparação, Denise coloca uma pressão no leitor para lutar contra o movimento *queer* no seguinte trecho:

em: <https://open.spotify.com/show/2Kki0lWqyMWegWAFe2mZOG?si=f101856718c14d75>. Acesso em: 21 out. 2021.

⁴⁹ "Influência e poder, principalmente no mundo dos negócios e na política" (tradução de autor). Disponível em: <https://www.lexico.com/definicion/clout?locale=en>. Acesso em: 21 out. 2021.

⁵⁰ "Na moda ou atualizado!" (tradução de autor). Disponível em: <https://www.lexico.com/definicion/trendy>. Acesso em: 21 out. 2021.

⁵¹ <https://www.youtube.com/watch?v=5OxH1rqBAgw>

⁵² <https://www.esquerdadiario.com.br/O-stalinismo-e-sua-pesada-heranca-homofobica>

E tudo isso com a anuência, ou no mínimo displicência, de todos nós que um dia sonhamos em lutar contra as manifestações de totalitarismo que aprendemos nas aulas de história. Porque é disso que se trata a ideologia de gênero: totalitarismo progressista disfarçado de tolerância, diversidade e outras palavras vazias do tipo. Mas, ah, se eu estivesse na Berlim de 1933, *jamais* teria compactuado com aquilo. Ah, se eu fosse um chinês teria me rebelado e acabado sozinho com a carnificina da Revolução Cultural maoísta. Ah, se eu fosse um soviético, dava uma rasteira em Stalin se ele viesse em minha direção. É sempre muito fácil se imaginar herói de tragédias que ocorreram em outro tempo que não o nosso (DRECHSEL, 2020, n.p.).

A Gazeta, por meio do texto publicado, trata os pedidos da comunidade pela tolerância, equidade e respeito à diversidade humana como imposições totalitárias e, mais, afirma que ninguém está lutando contra a tirania *queer*. Enquanto isso, em 2021, há casos como o de Roberta – mulher trans* e moradora de rua – que foi vítima de um adolescente, que lhe ateou fogo na madrugada do dia 24 de junho de 2021⁵³.

A linguagem inclusiva, como “pessoas que menstruam” para se referir a todes aqueles que menstruam (mulheres cis, homens trans* e alguns não binários) ou pronomes e as regras de gramática adicionais que os acompanham, como o sistema Elu, e a proteção legal da comunidade como grupo minorizado são, para a Gazeta, atitudes autoritárias. Eles constroem qualquer pedido por não discriminação como atos de sabotagem dêis demais e tentativas de usurpação de direitos ou censura.

O texto da Gazeta do Povo *Prepare-se: quem chamar Elliot Page de “ele” ou “ela” será pior que Hitler*, por Bruna Frascolla, reforça a mensagem do “totalitarismo *queer*”, construído pelas matérias, adicionando uma *demanda insana* da comunidade com consequências *absurdas*.

O medo incitado pela Gazeta dialoga com as incertezas. O processo de suposição do gênero das pessoas com base nas roupas, na voz, nos maneirismos, entre outros fatores até então dados como garantidos são questionados, e um sistema que contradiz as expectativas é posto no lugar. Aqueles que não estão acostumados ou que são leigos nas identidades *queer* são induzidos a enxergar qualquer erro como uma condenação ao ostracismo.

⁵³ Matéria da Istoé sobre o caso disponível em: <<https://istoe.com.br/pe-adolescente-ateia-fogo-em-mulher-trans-no-recife/>>. Acesso em: 22/2021.

A comunidade formada com pessoas trans* não binárias tem uma cultura que refuta o argumento, no entanto. Em vez de supor, pois a expressão da pessoa não necessariamente indica seu gênero, o ato de perguntar os pronomes de uma pessoa ao conhecê-la é incentivado. Ser leigo não condena ninguém; os erros instigam explicações.

Isso, claro, não significa que não haja exceções – nem toda pessoa trans* estará sempre disposta a educar os outros.

Além disso, a informação trazida no texto também está incorreta. Em sua biografia no Twitter, Elliot tem escrito “He/They”⁵⁴ (um aspecto cultural da comunidade para facilitar a comunicação, evitando *missgendering*) – o que se traduz como “ele/elu” dentro das convenções pré-estabelecidas. Chamá-lo de ‘ele’ está certo; chamá-lo de elu também está.

A Gazeta seleciona e omite certas informações que criam uma ilusão de perigo eminente em seus discursos de forma a vilanizar a comunidade *queer* e ainda mais ês não binárias, tratando suas demandas como abusivas e opressivas. Elus são construídes como agentes que pretendem deturpar a atual *paz* da vida normal de pessoas cis-héteras com reformulações complicadas e desnecessárias e atrapalhar o *progresso* da sociedade com imposições de linguagem restritivas.

A Gazeta apela pela manutenção da *ordem social*.

5.4 ORDEM SOCIAL

Ao longo dos textos, observou-se uma relação entre o ato de refutar as identidades trans* não binárias e a manutenção da ordem social, construindo o sentido de que, ao alterar o *status quo*, também se estaria comprometendo o progresso social.

No texto *Sugestão no Senado quer documentos com ‘gênero neutro’*. Por que a ideia é questionável, por Gabriel de Arruda Castro, usa-se de exemplo a lei da previdência que difere em sua aplicação para homens e mulheres. O autor do texto afirma que, “com o gênero neutro, seria preciso aplicar uma nova regra – e, até que isso ocorresse, as pessoas do ‘terceiro gênero’ poderiam cair em um vácuo legal”.

⁵⁴ Disponível em: <https://twitter.com/TheElliotPage>. Acesso em: 22 out. 2021.

Duas questões podem ser levantadas nesse exemplo quanto à tendência de manter a atual ordem social:

1. Existe uma pré-suposição de que atualização da lei seria lenta; a lentidão do processo não é questionada, tratando a não agilidade do governo como algo “normal” (normalizado) e evitando perguntar se há uma forma de aumentar a eficiência do processo. A solução não é aumentar a eficiência do governo para permitir que as mudanças ocorram com fluidez, mas sim evitar a mudança por completo. O porte de armas, em contrapartida, já sofreu, desde o primeiro mês da atual gestão federal, flexibilizações, recebendo em maio uma expansão mais efetiva⁵⁵.
2. A não unificação das idades de aposentadoria entre homens e mulheres também não é questionada. Uma das justificativas para a diferença é o sobretrabalho delegado às mulheres e as piores condições de trabalho por elas experienciadas⁵⁶, mas não há uma lei que garanta licença menstrual⁵⁷, algo que tem o potencial de melhorar as condições de trabalhos de pessoas que menstruam (mulheres cis, homens trans* e algumas pessoas não binárias)⁵⁸.

Na bandeira nacional, encontramos a mote “Ordem e Progresso”, que claramente estabelece uma relação entre a manutenção da ordem social e o progresso da nação. Os textos colocam o paradigma dos gêneros binários – o discurso de haver apenas *realmente* homens e mulheres – como um pilar que sustenta essa ordem e é, portanto, essencial para o progresso da nação.

Cervi (2020, p. 77) aponta que o conservadorismo mudou de cara em sua análise da mudança de rumo da Gazeta do Povo com a morte de Francisco Cunha, seu ex-diretor, em 2009. Não existem mais conservadores como Cunha, ele coloca, “seja pela

⁵⁵ A Gazeta do Povo fez uma matéria sobre a situação. Nela, a Gazeta não traz nenhum contra-argumento sobre a questionabilidade do novo paradigma brasileiro quanto ao porte de arma – mesmo com a seleção “Defesa da Vida” ao lado da “Ideologia de Gênero”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/como-ficou-porte-armas-posse-regras-decreto/>. Acesso em: 21 de out. 2021.

⁵⁶ Apontamentos feitos na pesquisa “A Questão de Gênero na Idade para a Aposentadoria no Brasil: elementos para o debate”, hospedado no *site* do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34734. Acesso em: 21 out. 2021.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/781638-comissao-rejeita-proposta-que-permite-afastamento-do-trabalho-durante-periodo-menstrual>. Acesso em: 10 out. 2021.

⁵⁸ Disponível em: <https://blog.alelo.com.br/gestao/conheca-a-licenca-menstrual-e-outros-beneficios-desejados-pelas-mulheres/>. Acesso em: 21 out. 2021.

transformação de conservadores em radicais, seja porque os empresários da geração seguinte demonstram menos interesse no desenvolvimento regional por si”.

Ele aponta o foco perdido no desenvolvimento regional que demonstra esse alinhamento com “ordem e progresso” da Gazeta, ao mesmo tempo em que indica seu distanciamento das origens do sentimento. “Hoje é mais importante defender ideias abstratas e radicais, sem relação direta com a comunidade local” (CERVI, 2020, p. 77).

A tendência de preservação do *status quo* também se manifesta na língua – um dos pontos mais discutidos em relação às não binárias.

No texto *Gênero neutro: o totalitarismo progressista perdeu a graça*, por Denise Drechsel, ressalta-se a importância da língua(gem).

A linguagem é a maior tecnologia já criada pelo ser humano. Graças a ela, somos capazes de expressar nossos pensamentos para além do nosso tempo e de compreender ideias de épocas que há muito viraram ruínas. Querer controlar a linguagem dessa forma acintosa nada mais é do que querer confinar o pensamento alheio à estupidez pré-determinada por um grupo (DRECHSEL, 2020, n.p.).

Primeiro, ao afirmar que por meio da linguagem somos capazes de expressar nossos pensamentos, ela parece se filiar a uma concepção que considera que a linguagem traduz o que interiormente já formulamos. O pensamento, nesse caso, precede a linguagem. Na verdade, conforme estudos do Círculo de Bakhtin – sobre a natureza da língua(gem) – e do Círculo de Vygotsky – sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores –, temos que é a linguagem que precede e organiza o pensamento, sendo o desenvolvimento da primeira essencial ao desenvolvimento do segundo. Considerar que a linguagem é uma expressão do pensamento, concepção que remonta aos gregos, é considerar que pessoas que têm problemas para se expressarem verbalmente – como as surdes –, têm, na verdade, problemas cognitivos. Trata-se de uma concepção ultrapassada e exclusivista.

Além disso, ela faz uma crítica à linguagem neutra de gênero com o apelo opressivo já discutido por meio da expressão “confinar o pensamento”. A ideia vendida é que a linguagem proposta para tratar das identidades *queer* restringem o pensamento das pessoas; ela referencia a campanha da Gazeta do Povo contra o politicamente correto.

O politicamente correto – como observado na seleção “nossas convicções” da Gazeta, nos textos publicados em seu site⁵⁹ e em materiais promocionais do jornal – consiste em uma barreira, segundo o jornal, para a liberdade de expressão.

No texto para a Gazeta intitulado *Patrulheiros ideológicos avançam sobre a língua portuguesa: não passarão!*, Cristina Graeml coloca um *call to action* para todos, expressando a necessidade de falar sobre a linguagem neutra de gênero: “E não adianta pregar a ideia de que é melhor ficar calado diante de uma aberração dessas para não dar divulgação ao que merece cair no esquecimento, porque o momento é de falar muito sobre isso, expor argumentos, mostrar o ridículo da proposta, para evitar que avance”.

À luz do contexto de oposição ao politicamente correto e ao apelo à manutenção da ordem social, o sentido construído pela Gazeta é de que ês não binárias estariam corrompendo a “língua pátria”⁶⁰, criando uma “aberração” de linguagem pautada no politicamente correto; uma forma de silenciamento e doutrinação que “confina” o pensamento das pessoas.

Um dos elementos da língua defendido pela Gazeta é o masculino genérico. A origem latina do português é utilizada para explicar a sua validade de uso e sua essência apolítica. O latim tinha três gêneros e, em sua transformação na língua portuguesa, o gênero neutro desapareceu; apenas restando o feminino e o masculino.

No texto *O português seria capaz de incorporar o gênero neutro?*, por Vivian Mansano, ela indica que “o gênero neutro do latim se fundiu ao masculino no português, e por isso nossas generalizações são feitas com palavras ‘masculinas’”.

Monaretto e Pieres (2012, p. 162), no entanto, afirmam que, “no português atual, sabe-se que as formas neutras dos substantivos e adjetivos latinos foram absorvidas ora pelas palavras de gênero masculino ora pelas de gênero feminino, não apresentando atualmente expressão gramatical para a categoria semântica neutra”.

⁵⁹ Os textos sobre identidades trans* não binárias têm referências ao politicamente correto, mas a Gazeta apresenta matérias mais específicas se posicionando contra o conceito, apresentando até imagens ilustrativas que o associam ao silenciamento. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/qual-melhor-maneira-de-combater-o-politicamente-correto/>. Acesso em: 22 out. 2021.

⁶⁰ Termo utilizado no texto de Denise Drechsel para a Gazeta intitulado *Deputado quer proibir linguagem neutra em escolas: ‘não podemos aceitar que deturpem a língua pátria’*.

A atribuição de gêneros gramaticais não necessariamente correspondia com o gênero associado à palavra: “alguns seres sexuados são designados por palavras neutras, como *scortum* (prostituta) ou *mancipium* (escravo). Os seres assexuados são designados indiferentemente por palavras masculinas, femininas ou neutras” (CARDOSO, 2013, p. 20 *apud* OLIVEIRA, 2015, p. 27).

Nesse trecho, nota-se que as palavras neutras podiam ser arbitrárias, o que não significa que são aleatórias; sendo possível inferir a divisão de classes (escravo e prostituta) como possível motivadora da aplicação do gênero gramatical.

O argumento apresentado por Mansano, desse modo, falha em três frentes principais:

1. O argumento de não funcionamento do gênero neutro no português baseado no histórico da língua e sua origem no latim cria uma situação paradoxal. A origem no latim é usada para justificar, a partir de sua evolução, a não existência do gênero neutro em português. Se as origens da língua justificam sua organização, a volta às raízes não se justificaria pelo mesmo argumento? Se o latim evoluiu e perdeu o gênero neutro e agora temos uma necessidade de reinserir um gênero neutro para propósitos outros, a evolução da língua portuguesa tal qual a latina não deve ser considerada natural? Conforme o Círculo de Bakhtin, a língua evolui no uso que dela fazem seus falantes, sendo-lhe inerente a transformação a partir das demandas sociais.
2. O argumento de que o masculino genérico no português vem de sua fusão com o gênero gramatical neutro do latim vai por água abaixo considerando que o uso suposto pela autora não corresponde ao uso do gênero neutro no latim.
3. O argumento de que o uso do masculino genérico não implica discursos sexistas construído no discurso não resiste ao escrutínio, uma vez que palavras que teoricamente deveriam refletir o sexo da pessoa que descrevem não o fazem e coincidem com classes vilipediadas.

O livro de Lakoff (1987) *Mulheres, fogo e coisas perigosas: o que categorias revelam sobre a mente*⁶¹ traz um estudo sobre classes gramaticais e os *insights* culturais delas oriundos. O título do livro é baseado em um(a) gênero/classe gramatical em Dyirbal – uma língua aborígene australiana –, que demonstra como a cultura influencia a língua.

Para averiguar o impacto dos gêneros gramaticais no nosso pensamento, podemos analisar exemplos mais próximos. Lera Boroditsky, em seu TED Talk em 2017⁶², dá vários exemplos de como a língua afeta a forma como os seres humanos pensam. Um deles se utiliza da palavra “ponte” em alemão e espanhol.

Em alemão, tal qual em português, *die Brücke* (a ponte) é feminina, mas, em espanhol, ela é masculina: *el puente*. Em um estudo, quando requisitado que descrevessem uma ponte, os gêneros gramaticais e as associações com os gêneros humanos equivalentes se misturaram. Características associadas à mulher são mais frequentemente atribuídas a pontes pelos falantes de alemão e mais masculinas pelos falantes de espanhol.

Segundo os estudos do Círculo de Bakhtin, a língua viva é plural; os gêneros do discurso estão em contínua mudança (FIORIN, 2011). No capítulo sobre Carnavalização, do livro *Introdução ao pensamento de Bakhtin*, Fiorin utiliza uma citação de Bakhtin que ajuda a construir um *insight* sobre os discursos da Gazeta do Povo.

O carnaval é uma grandiosa cosmovisão universalmente popular dos milênios passados. Essa cosmovisão, que liberta do medo, aproxima ao máximo o mundo do homem e o homem do homem (tudo é trazido para a zona do contato familiar livre), com o seu contentamento com as mudanças e sua alegre relatividade, opõe-se somente à seriedade oficial unilateral e sombria, gerada pelo medo, dogmática, hostil aos processos de formação e à mudança, tendente a absolutizar um dado estado da existência e do sistema social (BAKHTIN, 1981, p. 173 *apud* FIORIN, 2011, p. 74).

Ele cita o medo e a dogmática e a hostilidade à formação e mudança que combinam fortemente com as táticas de *scaremongering*, o dogma do paradigma

⁶¹ Tradução livre do original em inglês: *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/dp/B009PS2RXG/ref=dp-kindle-redirect?encoding=UTF8&btkr=1>. Acesso em: 22 out. 2021.

⁶² Disponível em: https://www.ted.com/talks/lera_boroditsky_how_language_shapes_the_way_we_think/transcript?language=en. Acesso em: 22 out. 2021.

atual (aceitação inquestionável de uma opinião pré-estabelecida) e os chamados à ação na luta contra a aceitação de não binários e suas identidades, comparações ao nazismo e stalinismo e a constante contestação por meio de seleções arbitrárias de informações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou analisar os discursos da Gazeta do Povo acerca das identidades trans* não binárias. Assim, tomamos como *corpus* todas as 20 matérias publicadas pela Gazeta na seção “Ideologia de Gênero”, no ano de 2020, que tratavam sobre não binários.

As análises permitiram observar que o veículo aplica fantasias de opressão e embasamento científico contrários às identidades não binárias, posicionando pessoas *queer* como potenciais abaladoras da ordem social.

Os pedidos da comunidade são construídos como demandas exorbitantes com consequências drásticas – em ocasiões sendo comparadas às imposições de regimes totalitários. A Gazeta ainda chama os leitores para lutarem contra a suposta investida das pautas *queer* (a qual eles se referem como ideologia de gênero) ignorando a posição de vulnerabilidade da comunidade. Seus discursos são perigosos para a comunidade *queer*, incentivando a restrição de direitos, não proteção, invalidação, direção de abusos e ridicularização de seus problemas oriundos da *queerfobia*, defendendo a perpetuação do atual sistema abusivo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. [1979]. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARCELLOS, Zanei Ramos; GIL, Patricia Guimarães. A Forma Flexível e Inclusiva de Fazer Jornalismo da Geração Z. **Cadernos da Escola de Comunicação**, v. 16, n. 1., p.26-42. 2018.

BELIN, L.L. Conservadorismo como diretriz: o que o conteúdo e o léxico do encarte «Nossas Convicções» dizem sobre o jornal Gazeta do Povo. **index.comunicación**, v. 10, n. 2, p. 169-196, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7549646>. Acesso em: 05 out. 2021.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: Feminism and the Subversion Identity**. New York: Routledge, 2010.

CERVI, Emerson Urizzi. Um empresário conservador, do tipo que não existe mais. **Revista expressão**, 21/04/2021. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/revistaexpressao/article/view/5902>. Acesso em: 06 maio 2021.

CORRÊA, Sonia. Gender Ideology: tracking its origins and meanings in current gender politics. **The London School of Economics and Political Science**, 11/12/2017. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/gender/2017/12/11/gender-ideology-tracking-its-origins-and-meanings-in-current-gender-politics/>. Acesso em: 06 maio 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **As Ideias Linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2011.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

KARI, Anna. Gender and health. **WHO**. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/gender#tab=tab_1. Acesso em: 05 out. 2021.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira; PIRES, Caroline de Castro. O que aconteceu com o Gênero neutro Latino? Mudança da Estrutura Morfosintática do Sistema Flexional nominal durante a Dialeção do Latim ao Português Atual. **Revista Mundo Antigo**, 2012, p. 155-172.

NEUS, Nora. Bill proposed by NY state senator would ban medically unnecessary surgeries on intersex children, 08/11/2019. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2019/11/08/health/ny-bill-bans-intersex-surgery-children/index.html>. Acesso em: 05 out. 2021.

OLIVEIRA, Thiago de. A queda do gênero neutro do Latim: questões sobre a divergência entre o gênero real e o gênero Gramatical. **Revista Philologus**, n. 55, p. 22-32, 2015.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo (o poder de organizar sem organizações)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SNOW, Jade. What Native Hawaiian Culture Can Teach Us About Gender Identity. **Yes Magazine**, 27/07/2015. Disponível em: <https://www.yesmagazine.org/issue/make-right/2015/07/27/what-native-hawaiian-culture-can-teach-us-about-gender-identity>. Acesso em: 05 out. 2021.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios de Linguagem**, v. 10, n. 3, p. 1076-1094, 26 ago. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006>. Acesso em: 27 ago. 2021.

SOUZA, Nelson Rosário de; SOUZA, Juliana Inez Luiz de; DRUMMOND, Daniela Rocha. A cobertura do jornal Gazeta do Povo das questões de gênero e diversidade sexual nos planos de educação. **Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, [S.l.], p. 101-119, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/58822>. Acesso em: 06 maio 2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

VECCHIO, M. R.; FERNANDES, J. C.; DALLA COSTA, R. M. Os leitores da Gazeta do Povo diante de um jornal em desmaterialização. **E-Compós**, [S. l.], v. 22, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1478>. Acesso em: 16 jun. 2021.

VOLOCHINOV, Valetin Nikolaevich; BAKHTIN, Mikhail. **Discurso na Vida e Discurso na Arte** (sobre a poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In:

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença. **A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003.